

Falta de Ética?

GILBERTO FREYRE

Da repercussão da visita de João Paulo 2.º ao Brasil na imprensa estrangeira, quase toda animada de preconceitos aparentemente "liberais" — preconceitos comprometedores de sua ética de informação — destaque-se o seu desapareço pelo que o visitante lúcido disse de favorável ao Brasil: a integração que chamou racial; a miscigenação; a religiosidade popular; a presença cristã nos cultos afrobrasileiros e noutras expressões religiosas aparentemente antitáticas mas, na verdade, em parte considerável de sua mística e de seus ritos, brasileiroamente paracatólicos.

Vejo essa omissão em "Time": o semanário famoso. Surpreendo-a noutras publicações. No Brasil, em alguns semanários do tipo de "Time".

O que me faz considerar essa espécie de blas paroliberal, um boi na linha da verdadeira informática em termos modernos. Um boi — na verdade, um arremedo de boi: animal em geral tão santamente bom — que não deixa os trens chegarem normalmente a seus destinos. No caso, em vez de trens, aquelas verdades que é dever da imprensa orientada pelo respeito à informática levar ao público, aos leitores, aos desinformados, informando-os. Os leitores que interpretem a seu modo as informações.

Que fez o aliás atraente semanário estadunidense "Life" com a visita de João Paulo 2.º ao Brasil? Apresentou o Brasil como sendo um Brasil só de nefandas favelas. Aliás, nem todas as favelas brasileiras são redutos daquela pobreza que se assemelhe à miséria da Índia e das Biafrás. Em algumas, João Paulo 2.º deve ter surpreendido, com sua argúcia, uma pobreza de modo algum envergonhada de ser pobreza; ou de ser gente infeliz apenas por ser pobre.

Esta compreende-se que seja a conclusão de jornalistas lanques criados sob o impacto calvinista: a idéia de que Deus abomina o pobre por não saber ser rico e abençoa o rico pelo puro fato de ser rico. O calvinismo que tem levado muito protestante lanque a adorar, em vez do Cristo, bezerros de ouro.

Há, no Brasil, excessos de pobreza que precisam de ser corrigidos: no abominado Nordeste rural, por exemplo. Mas esses excessos de pobreza raramente chegam a ser crua miséria. Não se vê brasileiro morrer de fome nas ruas como nas ruas de Bombaim do tempo em que lá estive. Há quase sempre uma manga ou um caju que o pobre brasileiro possa juntar a um pouco de farinha.

Subnutrição existe, certamente, no Brasil, com as sinistras conseqüências denunciadas por mestre Nelson Chaves. Uma subnutrição da qual se pode dizer que importa em lento morrer de fome. Mas que não é aquele morrer de fome aguda que se vê noutras partes do mundo.

João Paulo 2.º não viu no Brasil só o róseo ou o verde. Foi-lhe mostrado o seco, o árido o terrivelmente árido Piauí. Mas nesse Piauí viu-se entre gente, mesmo pobre, contente. Entre sorrisos de pobre: de brasileiros que, por serem pobres, não se sentem desamparados nem por Cristo nem pela Virgem. Esses característicos do brasileiro pobre parece que escaparam ao calvinismo de certos jornalistas estrangeiros que acompanharam João Paulo 2.º ao Brasil. E que viram sem saberem ver.

Gilberto Freyre é sociólogo, ex-deputado federal, ex-deputado constituinte (1946), ex-delegado brasileiro à Assembléia Geral da ONU e autor do clássico "Casa Grande e Senzala."